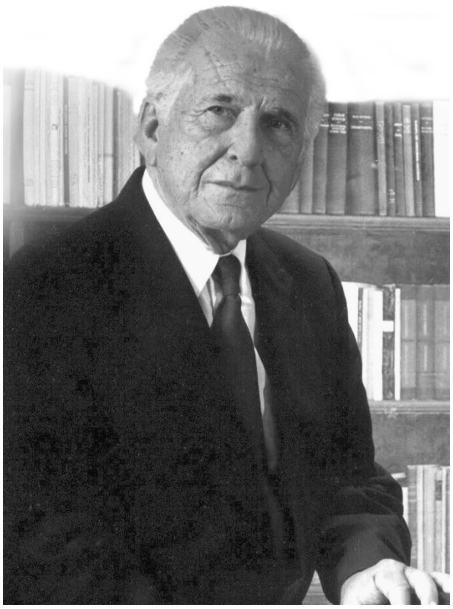

Manuel Eduardo Pinheiro Campos
☆1923 ✞2007

Uma vida e muitas lutas

Eduardo Campos dirigiu, durante anos, os Diários Associados. Imprimiu sua marca em jornais, rádio e TV.

Manuel Eduardo Pinheiro Campos comandou os Diários Associados no Ceará, influente grupo de comunicação comandado por Assis Chateaubriand. Os jornais *Unitário*, *Correio do Ceará*, Ceará Rádio Clube e, depois, a TV Ceará foram, durante anos, presididos por Eduardo Campos. Vivenciou duas ditaduras - a do Estado Novo - e a Militar. Vivenciou também um interregno democrático dos governos Dutra a João Goulart. Como dirigente dos Diários Associados, Manuelito foi testemunha de importantes fatos da história nacional e local.

No rádio, Manuelito aprendeu a importância da comunicação de massa. Mesmo nas agruras do Estado Novo, soube manejar como ninguém esta poderosa arma de comunicação, apesar da censura do, então,

Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Mesmo dirigindo os Associados do poderoso Assis Chateaubriand, ele foi submetido aos muitos ditames do Estado Novo, entre eles, o de tirar um cartão de Inscrição "com retrato, matrícula e tudo" para ter acesso a uma grande arma do período: o microfone. Nesta época, pouco mexia com política. O esporte, entretanto, era o forte da programação. Mexia com as multidões.

Censura

Com a eleição de Paulo Cabral para a prefeitura de Fortaleza, em 1951, Eduardo Campos passou a comandar a Ceará Rádio Clube. Tinha como a principal meta atingir um certo percentual com a venda de anúncios, objetivo estipulado pela alta direção dos Associados. Não existiam agências de publicidade. E, quase todos os redatores redigiam e liam os anúncios. As metas financeiras sempre foram ultrapassadas. Momento em que Manuelito ficou amigo de Dermival Costa Lima e, principalmente, do famoso António Maria. Manuelito revelou que Maria, um "gordão simpático", foi uma pessoa decisiva na sua carreira nos Associados. Com Maria, que chegou a morar em Fortaleza mudando-se depois para Salvador e Rio de Janeiro, Manuel Eduardo Campos trocou cartas de grande afeição. Cartas, inclusive, em que Maria falava mal de muita gente. Por isso, guardadas a sete chaves.

Não era fácil dirigir um meio de comunicação, naquela quadra histórica. A censura não partia apenas do Estado Novo, dos políticos, mas também da Igreja. O rádio, segundo Manuelito, vivia entre muitas restrições. Pisava-se em ovos. Os choques com o então arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa, foram muitos. Choques também com o interventor ou governador e o comandante da Região Militar. Era a trinca que mandava no Estado. Por isso, nada de críticas, juízos de valor. Os Associados, pelo menos no Ceará, ainda segundo Manuelito, noticiavam apenas os fatos. Nada de doutrinação política, nem de posicionamentos enérgicos. O importante era o fato político. Não a política.

Sobre a TV Ceará, Manuel Eduardo tinha boas, aliás ótimas, lembranças. Ele denominava de "anos dourados". "Jamais nós teremos uma televisão com tanta expressão artística, estética. Produzíamos grandes espetáculos". Lembrava também de Péricles Leal –"um homem

altamente competente, de grande formação intelectual" – que ajudou na construção da primeira televisão do Ceará adaptava-se programas de literatura francesa, inglesa e americana. Programas que conquistavam o público. Atores, diretores, cenógrafos, enfim, todos os técnicos eram genuinamente cearenses. "Era uma espécie de fábrica de sonhos". A imaginação, na verdade, era o limite. Tudo era feito ao vivo. Não havia videoteipe. "A coisa hoje mudou. Naquele tempo, fazíamos e criávamos ao vivo. Um cenário era destruído após um programa e, imediatamente, confeccionávamos outro. Era realmente uma fábrica de sonhos. De grandes e saudosos programas. No rádio, repetíamos o mesmo sucesso através dos programas de auditório. O público gostava muito. Tudo era feito por nossos atores, diretores de cena. O sotaque era cearense. Hoje o contexto histórico mudou".

Lucros

Com tantos artistas, técnicos, jornalistas, escritores, Manuelito nunca "operou no vermelho". A televisão era uma novidade – dizia – e o cearense sempre gostou de novidades". Nos anos 60, superintendente dos Associados no Ceará, Manuel Eduardo Campos, sem qualquer orientação da cúpula da empresa, encampou a ideia do golpe militar. "Podia perder até meu emprego por causa do meu envolvimento com a revolução. Tudo que fiz foi à revelia dos Associados. A minha sorte é que o dr. Chateaubriand também acabou por apoiar os militares". Além de rádio e tevê Manuel Eduardo Campos vivenciou o jornalismo impresso durante pelo menos 20 anos de sua vida. Confessou em várias entrevistas que nunca foi centralizador, nem comandou o império dos Associados no Ceará com mão-de-ferro. Dentro das empresas, sempre agiu com democracia. Nunca administrou apenas de sua sala. Era homem do papo de cozinha, de visitar as oficinas dos jornais. Atendia a todos. Dos jornais, seguia para o rádio e, depois, para a TV. Lembrava sempre de um programa que era o carro-chefe chamado de "Divertimento em Seqüência" e de outros inúmeros programas de auditório.

Ato 5

No campo da política, Manuel Eduardo Campos acabou por se desiludir com os militares a partir do Ato 5: "Dentro dos meus princípios

jurídicos, da minha formação de Direito, eu recuei. Disse que não participaria de mais nada. E realmente não participamos de mais nada depois do Ato 5. Não combatíamos o governo, mesmo porque não podíamos. Mas deixamos de prestigiá-lo".

Sobre Chateaubriand, ele confessava que nunca se guiou pelo seu estilo ou idéias, mesmo porque nunca houve essa cobrança. "Nunca exigiram nada de mim. Fazia o que achava o que era correto. Os erros que cometi foram produzidos por mim. Não porque fui orientado por alguém".

No rádio. Eduardo Campos aprendeu a importância da comunicação de massa. Mesmo nas agruras do Estado Novo.

Nesta época, pouco mexia com política. O esporte, entretanto, era o forte da programação.

Com tanto poder, Manuel Eduardo Campos revelava que nunca o usou para denunciar ninguém, "Pelo contrário, sempre usei o poder para soltar meus amigos acusados pelos militares. O que ocorreu com o jornalista Blanchard Girão. E até mesmo com o governador Virgílio Távora, envolvido durante o golpe, numa rede de intrigas". Depois, foi secretário de Cultura do governo biônico de Virgílio Távora, de quem tornou-se muito amigo.

O declínio dos Associados, segundo Manuel Eduardo Campos, foi em conseqüência do contexto político e não da má administração. O declínio dos jornais era visível. O concorrente *O Povo* tinha uma tiragem de 18 mil, enquanto os jornais dos Associados não atingiam oito mil exemplares. Chegou um momento em que o *Unitário* circulava apenas aos domingos e o *Correio do Ceará* nos demais dias da semana. Os militares acabaram fechando a TV Ceará, uma emissora que dava lucros – segundo várias entrevistas de Manuel Eduardo Campos –, "apenas por motivos políticos". A partir do fechamento da TV, os outtros órgãos começaram a declinar de maneira insustentável. Ele cita, principalmente, os generais João Baptista Figueiredo e Golbery do Couto e Silva como inimigos número um dos Associados.

Uma vida de muitas lutas, percalços e jornalismo. Apesar de distante, Manuel Eduardo Campos sempre foi um admirador de Assis Chate-

aubriand: "era um gênio". O mesmo dizia de Paulo Cabral, João Calmon e Rômulo Siqueira, amigos de longo percurso. Mesmo com o declínio dos Associados, Manuel Eduardo Campos não abandonou o jornal.

Dirigiu a Ceará Rádio Clube e escrevia no *Diário do Nordeste* sobre os mais diversos assuntos. Gostava de lembrar o passado com suas festas e rituais. Falava muito de culinária. Da mentalidade da época. Uma viagem ao tempo diante de uma memória infalível. Manuel Eduardo Campos foi jornalista até os últimos dias de sua vida.

Transcrição do *Jornal Diário do Nordeste*. Fortaleza, ed. 20/09/2007.

Viagem definitiva

Eleuda de Carvalho
(da Redação)

Eduardo Campos

Contista, dramaturgo, estudioso das coisas e das gentes da sua terra, Manuelito Eduardo fez sua viagem definitiva no último dia 19.

O prédio do Instituto do Ceará, ali em frente à igreja do Carmo, com a bandeira a meio pau, na luz dourada desta manhã de sexta-feira. O contraste – o fulgor do sol e o luto – decerto combina com o personagem que era presidente da agremiação cultural e científica criada em 1887 pelo Barão de Studart. Eduardo Campos, um dos maiores nomes do teatro cearense do século XX, contista, romancista, ator, locutor de rádio, pioneiro da TV local, foi querido por muitos e ganhou a antipatia de outros tantos. Coisa muito natural, à vida de cada um. Findo o tempo do homem sobre a terra, o que dele sobrará? Afetividades e mal-querenças também se gastam, diluem-se. Restarão as obras. E o legado que Eduardo Campos deixou é muito maior do que as idiossincrasias do antigo manda - chuva dos Diários Associados. Manuel Eduardo Pinheiro Campos nasceu no dia 11 de janeiro de 1923 em Guaiúba, que era então distrito de Pacatuba, filho do comerciante de café Jonas Acióli Pinheiro e de Maria

Dolores Eduardo Pinheiro. Ele estava com apenas quatro meses de nascido quando morre o pai, e por isso fica aos cuidados dos tios João Pereira Campos e Isabel Eduardo Campos (ela, irmã de Maria Dolores) - pais do poeta Artur Eduardo Benevides, seu primo-irmão, também nascido em 1923. Quando ele estava com oito anos, a família vem morar na capital, na então rua do Imperador. É essa Fortaleza dos anos 30 em diante que será o principal cenário de sua vasta obra literária, iniciada na década de 40 no grupo Clã. Alto, alourado, bonito mesmo, a voz bem empostada, Eduardo Campos era a figura do galã - que se rendeu aos encantos da bela Heldine Cortez, com quem se casou para toda a vida. Tiveram um casal de filhos, Eduardo Augusto e Elnina Márcia.

Nos idos de 50, Eduardo Campos ingressa no rádio - paixão a que também se devotou. (Todo dia, dirigindo o próprio carro, o oitentão Manuelito Eduardo batia ponto no Instituto do Ceará, pela manhã, e reservava as tardes a Ceará Rádio Clube, da qual era diretor). Quando a televisão chegou por aqui, no princípio dos anos 60, carregou os grandes nomes do rádio. Eduardo Campos entre eles. A programação da pioneira TV Ceará era toda feita aqui, incluindo teleteatros que revelariam o dramaturgo – além de atores, como Emiliano Queiroz, que atuou em "A Morte Prepara o Laço", em 1962. Outro texto de Eduardo Campos, "Os Deserdado", produzido nos estúdios do velho Canal 2, chegou a ser finalista em Barcelona, na Espanha, numa competição internacional de programas de TV.

Os anos 60 foram emblemáticos para o dramaturgo. É nessa década que Eduardo Campos escreve algumas de suas peças mais famosas, "Morro do Ouro" e "Rosa do Lagamar", ambas encenadas com sucesso pela Comédia Cearense. Estes textos, além de "A Donzela Desprezada", foram reunidos no livro *Três Peças Escolhidas*, um dos dez indicados ao vestibular da UFC. Em uma entrevista recente, Eduardo Campos disse, sobre suas peças: "O que escrevi representa uma fase importante do nosso teatro. Nem tanto pelo talento literário ou pela própria qualidade dramatúrgica das peças. Mas principalmente pela mensagem que consegui transpor para o palco sobre nossa linguagem, nossos costumes, nosso cotidiano". É este, então, o verdadeiro legado de Eduardo Campos - além das peças, contos, romances e ensaios. O passaporte dele para a eternidade.

Transcrição do Jornal *O Povo*, Fortaleza, ed. 23/9/2007

Um homem em três dimensões

Artigos

Os dramaturgos Ricardo Gulherme e Oswald Barroso prestam tributo a Eduardo Campos. O primeiro ressalta a personalidade múltipla e o segundo destaca o homem das letras.

RICARDO GUILHERME*
Especial para *O Povo*

Manuel Eduardo Pinheiro Campos, um nome e, pelo menos, três dimensões: o artista, o gestor e o intelectual. Em um só corpo, três personas: o Eduardo Campos, o doutor Manuelito e o Manuelito Eduardo. O primeiro gerando uma obra de contista, romancista e dramaturgo; o segundo gerindo instituições (Diários e Emissoras Associados, Secretaria de Cultura, Academia Cearense de Letras, Instituto Histórico do Ceará) e o terceiro gestando dissertações sociológicas e antropológicas que inauguram um olhar sobre a história do cotidiano de Fortaleza no século XIX, seus ritos e rituais, para além da historiografia dos heróis e de efemérides.

Desde a década de 1940, eis um nome que transcende a si mesmo, incorporando multiplicidades em uma só vida. Não tão-somente fez; fez com que sua geração fizesse e digeriu saberes e fazeres que o antecederam, criando e recriando trajetórias que compõem uma cartografia multidimensional da cearensidade. Em suma, um dos construtores de nossa identidade. Sem a sua contribuição seminal, não saberíamos quem fomos, quem somos nem o que poderíamos ou podemos vir a ser. Mesmo que consideremos eventuais dessintonias ideológicas entre a sua prática como cidadão e o compromisso social que emana de seu trabalho como escritor.

Sim, na tríade em que Manuel Eduardo Pinheiro Campos se constituiu e se instituiu aparecem algumas vezes estranhamentos entre

*Ator e dramaturgo, criador do Teatro Radical.

criador e criatura. Houve ocasiões, por exemplo, nas quais a ideologia dos escritos da persona Eduardo Campos – sobretudo nas peças *Os Deserdados* (1952), *O Morro do Ouro* (1963) e *Rosa do Lagamar* (1964) – contradisseram os engajamentos políticos de seu alter ego "Doutor Manuelito". Durante o período de hegemonia da oligarquia Acioly, Carlos Câmara – autor igualmente fundante da dramaturgia cearense no século XX – vivenciou também tais dicotomias. Porém, a arte sobrepujou a vida e a contribuição de ambos sobreviveu às intempéries circunstanciais.

Essa perda, além de nos agredir, nos desafia, pois nos fermenta a emoção e nos fomenta a razão. Afinal, herdamos seu legado e teremos de transcendê-lo.

Um como o fundador da comédia de costumes cearenses; outro como fundador do modernismo no nosso teatro. Com a morte de Manuel Eduardo Pinheiro Campos não morre apenas uma pessoa; morre uma instigante trindade e com ela fecha-se um ciclo. Sobretudo para a dramaturgia cearense, o dia 19 de setembro de 2007 marca o fim do século XX. Portanto, essa perda, além de nos agredir, nos desafia, pois nos fermenta a emoção e nos fomenta a razão. Afinal, herdamos o legado de uma tridimensionalidade e teremos de transcendê-lo. Quando o fizermos, haveremos de estar iniciando na cultura do Ceará o século XXI.

Um gigante de voz retumbante

Oswald Barroso*
Especial para *O Povo*

Em certa medida, Eduardo Campos, pela abrangência e extensão de sua obra, foi uma espécie de Câmara Cascudo cabeça chata. Levantou elementos da vida cearense que vão da culinária às irmandades religiosas, passando por costumes, folguedos e medicina popular. Publicou como poucos. Teve militância tão intensa na imprensa falada e escrita, quanto na vida cultural do Estado. Dirigiu os Diários Associados, no Ceará,

* Dramaturgo e professor da Universidade Federal do Ceará.

quando ele detinha a maior rede de meios de comunicação pública no País. Meteu-se em política, mesmo que nos bastidores, tendo sido secretário de Cultura do Estado. Foi, porém, fundamentalmente, um homem das letras e das artes e, mais particularmente, do teatro e da ficção.

Afeito a discursos e à oratória, de modo geral, sua figura agigantada, pelo menos para a época, e seu vozeirão tonitruante, davam-lhe a aparência de um Maiakovski tupiniquim. Talvez por isto, na intimidade das redações e estúdios, fosse conhecido como Manecão. Lembro-me dele, em fala inflamada, despedindo-se do amigo, por ocasião do sepultamento de meu pai, Antônio Girão. Falava com sinceridade e afeição. Também, foram companheiros de Clã por quase meio século e, por décadas, funcionários dos Diários Associados! Ele na direção e meu pai nas editorias de arte e cultura. Acolheu muitos artistas e literatos e abriu espaços para outros, tanto na empresa que comandava, incluindo rádio, jornal e televisão, quanto nas instituições culturais que dirigiu. Cometeu equívocos, a que todos estamos sujeitos, quando num primeiro momento apoiou a Ditadura Militar. Mas soube rever o erro, já que mais que tudo era um homem de pensamento e cultura.

Por seu parecer, ganhei meu primeiro prêmio num concurso de dramaturgia, com um texto sobre a Irmandade da Santa Cruz do Deserto, do Beato José Lourenço, no Caldeirão, tema considerado perigoso para a época, pois tratava-se de uma experiência de reforma agrária acusada de fanática e comunista (antes, eu já havia lhe feito uma homenagem, denominando de Rosa do Lagamar, um quadro de minha autoria, exposto em concurso público.) Enveredou pelo teatro psicológico, acompanhando correntes de pensamento contemporâneas, mas suas obras dramáticas mais notáveis são de cunho social. Além do mais, foi o primeiro a colocar um Bumba-meu-boi numa peça feita para teatro à italiana, no Ceará, o que lhe mereceu elogio explícito de Plínio Marcos. Agora mesmo, servi-me de registros seus, feitos ainda no início da década de 50 passada, para um estudo sobre os Bois de folguedo, em Fortaleza. Afinal, como bom repórter e jornalista, Manuelito conhecia a vida popular, sendo também etnógrafo por vocação.

Eduardo Campos enveredou pelo teatro psicológico, acompanhando correntes de pensamento contemporâneas, mas suas obras dramáticas mais notáveis são de cunho social.

Com sua morte, desaparece um dos últimos integrantes da chamada "primeira fornada" do Grupo Clã de Literatura e Arte (o outro, vivo e atuante, é o poeta Artur Eduardo Benevides). Nos arquivos que herdei do meu pai, lá está Manecão com seus companheiros de grupo literário, num encontro domingueiro (chamado à época bivaque ou convescote), em sítio que possuía no Mondubim. Na verdade, Clã era mais do que um grande grupo de amigos (e ser isso não era pouco). Pela influência que teve nos diversos campos da cultura cearense, devido à abrangência do trabalho de seus membros e ao tempo em que esteve ativo, não tenho dúvidas ser o Clã o grupo literário mais importante da história das nossas letras, bem como da cultura acadêmica, de modo geral, em se tratando do Ceará. Uma de suas maiores virtudes, como grupo, talvez tenha sido a tolerância com relação às diferenças de pensamento, que fazia possível a convivência num mesmo agrupamento de figuras tão díspares como o católico Mozart Soriano Aderaldo e o comunista Aluízio Medeiros, ou como o integralista Denizard Macedo e o anarquista Antônio Girão Barroso.

Eduardo Campos soube conviver com todos eles. Soube ajudar a reuni-los e a abrir espaço para suas atividades, como gestor cultural, tanto de instituições públicas, quanto privadas. Principalmente, o teatro beneficiou-se grandemente de sua atuação e não apenas como autor competente e inspirado. Dirigida por ele, a então TV Ceará (dos Diários Associados) possibilitou não somente a mais notável experiência de criação artística para televisão no Ceará, com seus especiais, novelas e programas humorísticos, como um laboratório extraordinário de criação teatral. Nas suas criações dramáticas ao vivo, talvez mais que televisão, se exercitava o teatro (que o digam os inúmeros atores que ali militaram). Eduardo Campos estava no centro de tudo isto.

O Povo – Vida e Arte – Cultura. Fortaleza - CE. Domingo, 23 de setembro de 2007.

Manuel Eduardo Pinheiro Campos na Revista do Instituto do Ceará*

CAMPOS, Manuel Eduardo Pinheiro.

Missão a cumprir.
t.LXX (1956): 134-140.
Discurso de posse como sócio efetivo do I.C. em 16.11,1956.

_____ **Breves considerações de um teatrólogo sobre a Comédia Angélica.**
t.XCVI (1982): 17-26
Estudo crítico sobre um trabalho de José de Abreu Albano, Poeta, Professor e diplomata cearense.

_____ **As atividades do Centro Estudantal Cearense (1932-1935).**
t.XCVII (1983): 137-144.
Síntese histórica do Centro Estudantal Cearense, instituição reconhecida pelo governo do Estado do Ceará como representativa dos estudantes fortalezenses. Possuía carteira de identidade oficial para os associados e uma Polícia Estudantil que atuava conjuntamente com a Polícia Civil. Foi fundada em 1931. A Casa do Estudante, criada pelo Centro, em 1933, ainda existe até o presente (1996), e abrigou, nos bons tempos, destacados cidadãos quando em sua juventude.

_____ **Félix de Sousa e o antiescravista esquecido.**
TE.7 (1984): 133-143.
Félix José de Sousa Júnior nasceu no Ipu (Ceará), foi Bacharel em Direito, Jornalista, Professor de Geografia no Liceu do Ceará e Deputado Provincial. O. A. registra dados importantes sobre o tráfico de escravos no meados do século XIX, no Ceará. A posição antiescravista de Félix de Sousa reflete a de muitos outros destacados cearenses daquela época.

_____ **O Folclore dos secos e molhados.**
t.XCIX (1985): 242-256.

---

* Transcrição do *Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará*. 1955-2006. (Pedro Alberto de Oliveira Silva)

Estudo, bem elaborado. sobre cearenses populares referentes ao inverno, comidas típicas e outras curiosidades da cultura popular nosdestina.

_____ **Juvenal Galeno e seu verso de pluma e sabre.**

t.C (1986): 227-240.

Comentário sobre a vida literária de Juvenal Galeno da Costa e Silva, grande poeta e folclorista cearense.

_____ **Leonardo Mota fidelidade ao sertão.**

t.C (1986): 363-366.

O A. destaca a importância do folclorista Leonardo Mota como divulgador e historiador da cultura sertaneja.

_____ **Estudo de Medicina Folclórica**.

t.CI (1987): 198-216.

Registra muitas informações curiosas sobre o tema e importante bibliografia.

_____ **As manifestações populares do Ceará. O Folclore**.

TE.8 (1987): 248-163.

O A. analisa e descreve as origens do Folclore cearense, percorrendo suas diversas manifestações, naquilo do que ele tem de mais bonito e original. É um trabalho magistralmente apresentado.

_____ **Vida e glória de Gustavo Barroso.**

t.CII (1988): 19-28

Importância e perfil literário do escritor e historiador Gustavo Adolfo Barroso.

_____ **Raimundo Girão e a História do Ceará**.

t.CII (1988): 321-322

Breve comentário sobre a contribuição de Raimundo Girão à historiografia cearense.

_____ **Tardia redenção de alcovas confinadas**.

t.CII (1989): 188-196.

Estudo das cacacterísticas das casas residências, no tocante a seu aspecto higiênico e saudável, desde o século XIX até meados do atual, particularmente em Fortaleza.

_____ **O comendador Accioly e o faccionismo da Revista "Careta" - Análise da impiedade jornalística.**

t.CIV (1990): 37-46

O A. comenta as notícias publicadas pela revista "Careta" sobre a queda da Oligarquia Accioly, no Ceará, em 1912.

_____ **Homenagem a Luís Sucupira**.
t.CV (1991): 197-201.
Discurso proferido na Associação Cearense de Imprensa (ACI), em 16.05.1991.

_____ **A Tartaruga.**
t.CVI (1992): 140-145.
Estudo bem documentado e informativo sobre a Tartaruga, desde o período colonial.

_____ **Homenagem ao Soldado Brasileiro**.
t.CIX (1995): 269-280.
Comentário sobre a importância do soldado na História Militar, O trabalho desenvolve-se através de uma bibliografia consultada em trinta obras. Palestra proferida em sessão extraordinária, no dia 23.08.1995, comemorativa ao Dia do Soldado.

_____ **Fran Martins - O inspirado decifrador de ruas**.
t.CX (1996): 257-365.
Necrológio de Francisco (Fran) Martins, falecido em 29.07.1996.

_____ **A ressurreição do corpo.**
t.CXI (1997): 229-231.
O A. refere-se ao estudo sócio-cultural sobre e conceito de "Corpo" feito pelo historiador e pensador João Alfredo de Sousa Montenegro, no seu livro "A Política do Corpo na Obra Literária de Rodolfo Teófilo" (Edições UFC, (1997), baseado nos romances "A Fome" e "O Reino de Kiato".

_____ **Pacatuba: breve memória**.
t.CXIII (l999): ll7-l26
Breve histórico do município de Pacatuba – atualmente região metropolitana de Fortaleza – desde o século CXVIII até meados do século XIX. Registra bibliografia consultada.

_____ **Louvação a Raimundo Girão**
t.CXIV (2000): 447-455.
Comentários sobre as diversas facetas do historiador Raimundo Girão, como intelectual e amigo.

_____ **Breve exercício de história visual**.
t.CXVI (2002): 9-16.
Comentário sobre a importância histórica de fotografias publicitárias de profissionais liberais publicadas no periódico "Almanaque do Ceará" referente ao ano de l936.

_____ **Breve memória da Companhia Ferro Carril do Ceará**.
t.CXVII (2003): 10-15.
Inaugurado em l880, o transporte em"bondes de burro" funcionou até a primeira década do século XX. Registra detalhes sobre aquela companhia e sua existência no contexto urbano de Fortaleza.

_____ **Discurso de posse da nova diretoria do Instituto do Ceará**.
t.CXVII (2003): 308-313.

_____ **A eternidade do herói sem paternidade**.
O autor refere-se ao "herói" mítico, folclórico, popular, encontrado na literatura de quase todos os países. Toma como referência desse estudo literário o personagem "Pedro Malas-artes".

_____ **O caminho do céu (breves reflexões sobre bibliografia religiosa antiga).**
t.CXIX (2005): 9-16.
Religiosidade católica até a Idade Moderna, através de bibliografia específica daquela época. Coleção Eurico Facó pertencente ao I.C.

_____ **Homenagem a Renato de Almeida Braga**.
t.CXIX (2005): 267-276.
Discurso homenageando o centenário de nascimento de Raimundo Renato de Almeida Braga (l905-l968) .

_____ **Clarividência histórica.**
t.CXIX(2005): 315-316.
Homenagem póstuma ao professor Geraldo da Silva Nobre (l924-2005).Transcrição do Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, ed. 28.06.2005.

_____ **Caldeirão: subsídios à redefinição de sua história.**
t.CXX (2006): 9-15.
Análise historiográfica sobre movimento histórico social ocorrido no Ceará em l936-l937.O autor questiona e esclarece lapsos cometidos em livros que tratam sobre esse fato.

_____ **Saudando Ednilo Gomes de Soarez como sócio efetivo do Instituto do Ceará.**
t.CXX (2006): 279-283.
Discurso proferido em solenidade realizada no Instituto do Ceará em 22.11.20.